

As marcas da precarização no trabalho científico em Portugal

Ana Ferreira, CICS.NOVA | NOVA FCSH
aferreira@fcsh.unl.pt



CEECIND/01053/2017



Trabalho científico em Portugal

Crescimento: 21573 novos doutorados (2011-2020)

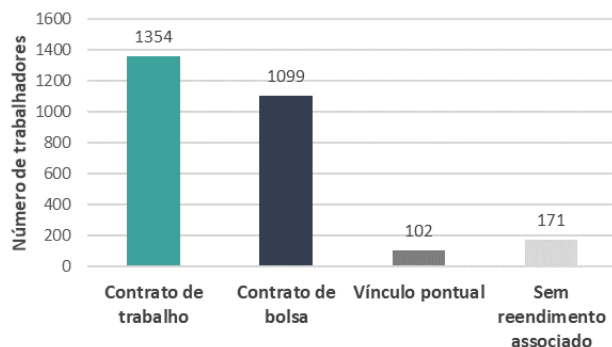
Melhoria das condições laborais (DL 57/2016; Lei 57/201, PREVPAP)

3867 investigadores doutorados com contrato de trabalho (desde 2017)

Falta de acesso à carreira de investigação: ~200 com contrato permanente (desde 2017)

DGEEC, acesso a 19 de Julho 2021; Observatório Emprego Científico, acesso a 11 de Maio de 2022

Questionário a trabalhadores científicos sem vínculo laboral estável



Inquérito online: Dezembro 2019 – Fevereiro 2020

2726 respostas validadas

Análise quantitativa e qualitativa

Perfil socio-biográfico: 64% mulheres; média 38 anos de idade; 46% com filhos; ISF= 0,70

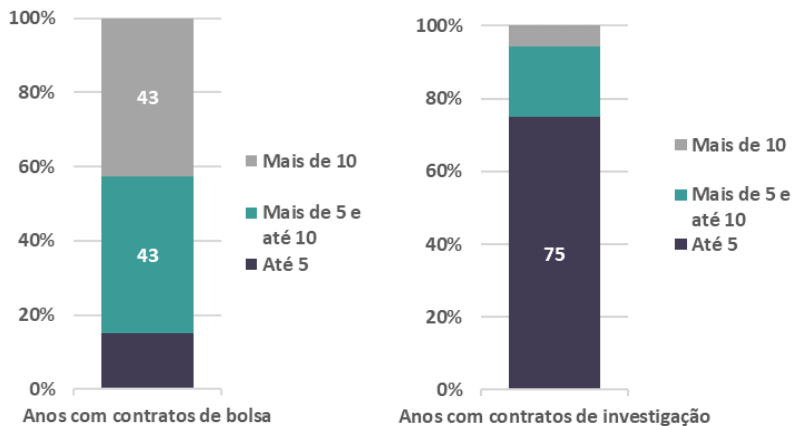
*“Estive **desempregada** de abril a setembro de 2019. De momento **estou contratada por uma bolsa de pós-doutoramento** e fui uma das **felizes contempladas no CEEC.**”*

Investigadores com contrato a termo (n=1053)

Júnior (68,2%); Auxiliar (25,5%); Principal (6,3%); Coordenador (0,2%)

Longas trajetórias de precariedade e a “excelência acadêmica”

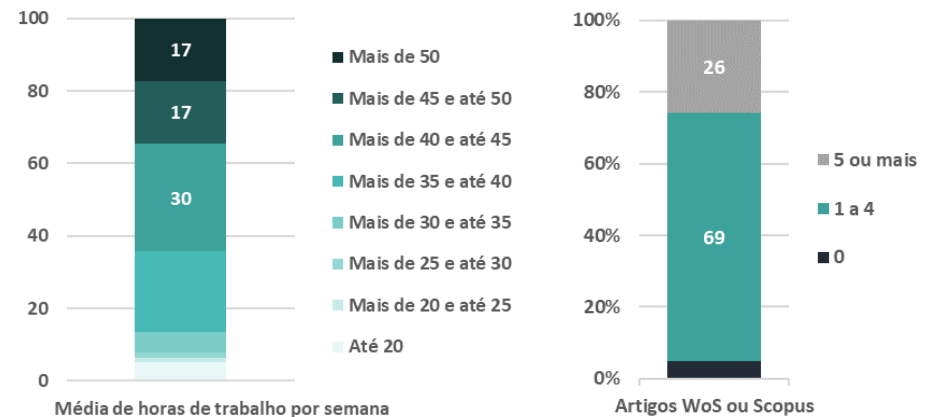
Trajetórias laborais



n=964; Não Responde=89

n=839; Não Responde= 214

Jornadas de trabalho e práticas



n=1045; Não Responde=8

n=938; Não responde=115

Perfil socio-biográfico: 63% mulheres; **média 41 anos de idade (entre os 28 e os 65 anos)**; 61% com filhos; ISF= 1,02

Dependências de redes familiares ou outras | Vergonha de dependências presentes ou futuras

“felizmente o meu marido sempre teve uma situação estável o que também me permitiu fazer a escolha que fiz até hoje”
“Sinto-me envergonhada junto da minha família por estar sempre em risco de ficar ou ficar efetivamente desempregada”

Projetos de vida suspensos e limitações à liberdade académica



n= 1053
Não Responde= 0

TRAJECTÓRIAS DE VIDA

n=468

“Vida suspensa sem estabilidade”

“Não vejo futuro no caminho que percorro”

“adiar a maternidade”

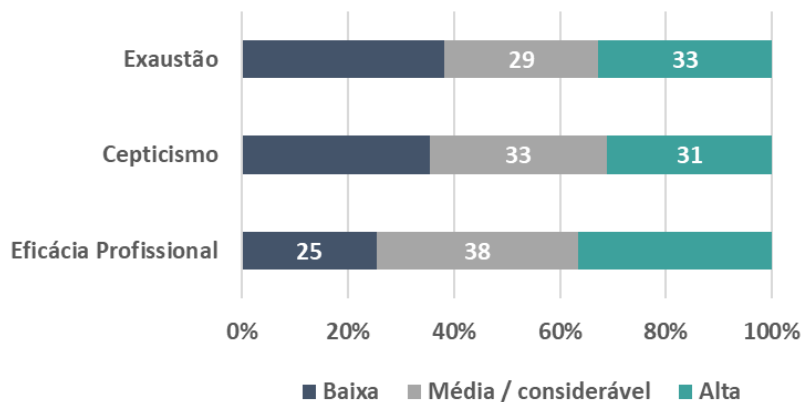
TRABALHO ACADÉMICO

“limitação de Independência intelectual; Limitação no desenvolvimento projetos mais inovadores que requerem tempo e maturação de ideias; Pressão de publicar o que reduz qualidade científica”

“Dependência do poder decisório de superiores na gestão da carreira e trabalho”

“Sinto-me pressionada para aceitar todo o tipo de tarefa nos meus grupos de investigação para 'ganhar pontos' e ser mais elegível para futuros contratos. Sinto também que passo mais tempo em tarefas de promover o meu trabalho e o dos meus grupos de investigação do que a fazer a investigação propriamente dita.”

Burnout profissional



n=1028-1032; Não responde=21-25

ACP: 3 componentes; 64% da variância; KMO = 0,87; Teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(120) = 8879,01$, $p < 0.001$
Maslach Burnout Inventory, MBI-GS, Wilmar Schaufeli, Michael Leiter, Christina Maslach & Susan E. Jackson

STRESS E FADIGA

n=468

“Angústia sobre como vou sustentar o meu filho quando o meu contrato acabar.”

“gradual falta de entusiasmo para todas as esferas da vida”

“medo constante de falhar às candidaturas”

“ansiedade constante (como ruído de fundo)”

“Desespero”

As marcas da precarização no trabalho científico

- Reprodução da “excelência na academia” através das suas práticas (longas e produtivas jornadas de trabalho)
- Constância da situação limite (afectando muitos e por muito tempo) que conduz a uma reprodução de desigualdades sociais (dependência das suas redes sociais);
- Impactos da precarização de longa duração:
 - Trajetórias de vida: protelar de planos vários
 - Stress e fadiga no trabalho: incorporação da precariedade
 - Actividades laborais: limitações à liberdade académica e à participação na vida democrática das instituições;
- Discursos: os indivíduos fazem sentido das suas práticas e das suas incongruências, apontando para a necessidade de uma estabilização laboral, revelando-se assim que os seus processos de reflexividade constroem pequenos espaços de resistência às lógicas dominantes na academia.

As marcas da precarização no trabalho científico em Portugal

Ana Ferreira, CICS.NOVA | NOVA FCSH
aferreira@fcsh.unl.pt



CEECIND/01053/2017

